

Melhoria no manejo reprodutivo de criações de suínos nas comunidades rurais da microrregião do brejo paraibano: contribuindo para produção e renda dos pequenos produtores.

SOUZA, Natália Rodrigues¹, MARQUES, Kyara Vitório Nóbrega², SILVA, Ludmila da Paz Gomes³, SILVA, Michel Alves², SALES, José Nélio de Sousa⁴

¹ Bolsista do PROBEX 2013, do curso de Zootecnia do CCA- UFPB- nat.zootecnia@gmail.com

² Graduando voluntário do PROBEX 2013, do curso de Zootecnia- kika_vitorio@hotmail.com

³ Professora do CCA- UFPB - Departamento de Zootecnia (colaborador) ludmila@cca.ufpb.br

⁴ Professor adjunto do CCA- UFPB – Departamento de Medicina Veterinária (Coordenador do projeto) - znlogan@yahoo.com.br

Resumo: A produção de suínos ainda está em desenvolvimento na Paraíba e para contribuir para a geração de renda das famílias, necessita-se da capacitação de agricultores em biotécnicas que melhoram a eficiência reprodutiva e conseqüentemente, aumentam a produção dessa atividade. Devido à situação atual da suinocultura na região, o objetivo do presente trabalho foi potencializar a produção familiar, contribuindo para as boas práticas de manejo reprodutivo de suínos, influenciando diretamente no ganho econômico dos pequenos criadores. As atividades foram desenvolvidas por visita à 45 produtores distribuídos em diferentes localidades dos municípios de Areia e Remígio. Na ocasião, foram aplicados questionários semi estruturados com o intuito de obter informação sobre o tipo de manejo reprodutivo adotado, após a realização deste levantamento, os dados foram tabulados no programa Excel. Dos 45 produtores entrevistados, 31% trabalham com o ciclo completo, 13% com produção de leitões e 56% apenas com animais de terminação. A maioria dos produtores (45%) possui de 1 a 5 matrizes e o restante dos produtores de 6 a 10 (35%) e de 11 a 20 (20%). Devido esse baixo número de matrizes, tais criações podem ser classificadas como subsistência. Conclui-se que os criadores da microrregião estudada têm necessidade de orientações com relação ao manejo reprodutivo e de leitões após o nascimento.

Palavras chave: Reprodução, Suinocultura, Subsistência.

INTRODUÇÃO

A região Nordeste possui rebanho suíno de aproximadamente 6 milhões de cabeças (IBGE, 2007). Tais números representam 20,8% de todo efetivo do Brasil. No entanto, somente 1,8% dos animais abatidos no Nordeste são inspecionados por órgãos competentes, demonstrando ser um rebanho de suínos voltado para a subsistência. De

forma semelhante a outras atividades, a suinocultura nacional e do nordeste é uma atividade que se desenvolve em pequenas propriedades, pois cerca de 80% dos suínos são criados em áreas menores que 100 hectares (OLIVEIRA et al, 1998). Dentro desse cenário, a suinocultura industrial na Paraíba é uma atividade bastante inexpressiva, não sendo assim, incluída em programas de desenvolvimento regional da atividade. Porém, tal atividade realizada por pequenos produtores tem características tanto de cultura de subsistência como fonte de proteína e energia quanto fonte alternativa de pequeno investimento de famílias de baixa renda que irá servir como segurança financeira.

Segundo Roppa (1996), a suinocultura é uma das atividades mais importantes do complexo agropecuário brasileiro. É preponderantemente desenvolvida em pequenas propriedades, visto que gera renda e alimento para mais de dois milhões de proprietários rurais e constitui excelente instrumento de interiorização do desenvolvimento e de fixação da mão-de-obra no meio rural. Além disso, fornece produto de alta qualidade, rico em nutrientes, quando produzidos de forma higiênica e profissional. A carne suína é a mais produzida e consumida no mundo, respondendo por cerca de 50% do consumo global de carnes, porém é um mercado concentrado que cresceu entre 2000 e 2007 (3,5%), sendo a China, a União Européia, os Estados Unidos e o Brasil, os quatro maiores produtores (SILVEIRA & TALAMINI, 2007).

A criação de suínos na Paraíba ainda está em desenvolvimento e existem poucos sistemas de criações tecnificados. Para que a produção de suínos venha contribuir para a geração de renda das famílias, necessita-se capacitar agricultores para a inserção de técnicas adequadas de manejo reprodutivo para a melhoria da produção. O manejo inadequado dos suínos aliado à falta de infraestrutura e assistência técnica dificultam a vida dos pequenos produtores (Silva et al 2005). Portanto, existe a necessidade urgente da conscientização e de ensinamentos de boas práticas em toda a cadeia produtiva, principalmente no manejo reprodutivo para possibilitar a organização da atividade suinícola nas comunidades rurais da Microrregião do Brejo Paraibano, contribuindo para a geração de trabalho e renda nessa atividade por elevar a produção dos pequenos criadores.

METODOLOGIA

As atividades foram desenvolvidas por visita à 45 produtores distribuídos em diferentes localidades dos municípios de Areia e Remígio. Na ocasião, foram aplicados questionários semi estruturados com o intuito de obter informação sobre o tipo de

manejo reprodutivo adotado. Após as visitas, realizou-se a análise da situação dos produtores, e diante dos problemas encontrados, receberam orientações para a melhoria do sistema de produção por palestras, distribuição de cartilhas auto-explicativas, e fichas individuais dos animais para controle de cio, parto, gestação e número de leitões nascidos. Os dados coletados foram tabulados no programa Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 45 produtores entrevistados, 31% trabalham com o ciclo completo, 13% com produção de leitões e 56% apenas com animais de terminação. A maioria dos produtores (45%) possuem de 1 a 5 matrizes e o restante dos produtores de 6 a 10 (35%) e de 11 a 20 (20%). Devido esse baixo número de matrizes, tais criações podem ser classificadas de subsistência. Apenas 40% das criações possuem reprodutores, os demais produtores utilizam os reprodutores das propriedades vizinhas para realizar a cobertura de suas matrizes. Cerca de 70% dos produtores utilizam a monta controlada e 55% dessas criações, fazem a primeira cobertura aos 6 meses de idade. O restante dos produtores realizam a primeira cobertura aos oito meses ou no 3º cio da marrã. Em 40% das criações, o número de leitões nascidos por parto varia de 8 a 12. Sabe-se que fatores de desempenho como idade a puberdade, são importantes para a vida produtiva da fêmea e desenvolvimento do animal. No manejo de leitões, 65% não fazem corte e cura do umbigo após o nascimento, que é de extrema importância para evitar a entrada de microrganismo patogênicos causadores de infecções. Para reduzir tal risco, recomenda-se logo após o nascimento, realizar o corte e a cura do cordão umbilical (DIAS et al., 2011). O problema de manejo observado foi que 75% dos criadores não cortam os dentes, que podem lesar os tetos da porca ou promover ferimentos na boca dos leitões, que podem servir de porta de entrada para infecção secundária, com consequente perda de leitões (Castro et al., 2001). Apenas 35% dos produtores administram ferro nas primeiras horas de vida dos leitões, tal manejo é fundamental para a sobrevivência do leitão após o nascimento, pois o leite da fêmea suína supre apenas 10 a 20% das necessidades diárias de ferro e as reservas corporais desse mineral no organismo do leitão são muito baixas, podendo levar o animal a uma anemia e consequente redução da taxa de crescimento, leve dificuldade respiratória e maior predisposição ao aparecimento de doenças como diarreia neonatal e pneumonias (DIAS et al., 2011). Além disso, observou-se que 65% dos produtores realizam a castração dos leitões com 30 a 40 dias, momento inadequado para tal procedimento cirúrgico. O momento ideal seria na

primeira semana de vida, pois, além de os leitões serem mais fáceis de conter, existe menor risco de hemorragias e infecções, sendo, ainda, mais rápida a cicatrização. (CASTRO et al., 2001). Ainda, verificou-se que 50% dos produtores desmamam em média os leitões com 40 dias.

CONCLUSÃO

Conclui-se que os criadores da microrregião estudada têm uma grande necessidade de orientações com relação ao manejo reprodutivo e de leitões após o nascimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIPECS. Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína. Estatísticas. Disponível em: <http://www.abipecs.org.br> Consulta: 9 de março de 2013.

CAVALCANTI, S.S. Produção de suínos, Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1984.

IBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção da Pecuária Municipal 2007, Brasil, v. 35, 200p

SILVA FILHA, O. L.; ALVES, D. N. M.; SOUZA, J. F.; PIMENTA FILHO, E. C.; SERENO, J. R. B.; GOMES DA SILVA, L. P.; RIBEIRO, M. N.; OLIVEIRA, R. J. F.; CASTRO, E. G. Caracterização da criação de suínos locais em sistema de utilização tradicional no Estado da Paraíba, Brasil. *Archivos de Zootecnia*, v. 54, p. 523-528, 2005

SILVEIRA, P.R. S de; TALAMINI, D.J.D. A cadeia produtiva de suínos no Brasil. *Revista CFMV*. v. XIII, n. 42, p. 11-18, 2007

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (Orgs.). *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.